

Memória mexicana: heróis e mártires na literatura cristera (México, 1929-2000)

CAIO PEDROSA DA SILVA*

Introdução

Parece inegável a importância da religião católica na formação histórica mexicana. Robert Ricard tratou da chamada “conquista espiritual”, que seria outra dimensão da conquista militar espanhola, sobre a qual a coroa fez grandes investimentos.¹ Como se sabe, a Igreja católica consolidou-se no período colonial como uma instituição fundamental não só no plano religioso, mas também no campo político e social. Dessa forma, dificilmente a história da Nova Espanha é estudada sem que se leve em consideração a participação da religião católica na construção do mundo colonial.

O rompimento com a religião católica não ocorreu de maneira brusca no processo de independência – iniciado em 1810 –, que em sua vertente inicial, liderada pelo sacerdote Miguel Hidalgo de Costilla, erigiu a Virgem de Guadalupe como símbolo na nação que se queria criar.² Ao mesmo tempo, a presença de símbolos religiosos não impediu também que ideias liberais estivessem presentes no caldeirão político e cultural das primeiras décadas do XIX.

Contudo, ao longo do século XIX, em parte devido à entrada de ideias liberais e iluministas vindas da Europa, desenvolveu-se um forte sentimento anticlerical. O anticlericalismo, ao mesmo tempo, não pode ser entendido somente como a implantação de ideias europeias no México, havia motivações específicas para a insatisfação com o poder da Igreja: motivações que iam desde uma disputa política mais direta, já que a estrutura consolidada do catolicismo facilitava a penetração de grupos católicos que poderiam exercer pressão; passando por uma rixa de cunho nacionalista, tendo em vista que o catolicismo era identificado por certos grupos como uma religião estrangeira; chegando até à nomeação do catolicismo como um dos principais culpados pela derrota na guerra diante dos EUA (1846-1848) que levou à perda de grandes porções

* Doutorando em História pela UNICAMP. Agência financiadora: CNPq.

¹ RICARD, Robert. *La conquista espiritual de México*. México, DF: FCE, 1994.

² O uso da imagem da Virgem não é o único traço religioso do movimento independentista. Os periódicos publicados pelos insurgentes nesse primeiro momento independentista debatem e incitam a rebelião argumentando sobre bases religiosas católicas, além de estarem presentes também ideias liberais.

territoriais. Com a ascensão de grupos liberais ao poder no México a partir da década de 1850 um projeto político que busca limitar o poder da Igreja católica tanto no plano econômico quanto cultural e político começa a tornar-se preponderante, mesmo que não tenha sobrevivido sem críticas e sem enfrentar disputas, muitas delas armadas. Com a Constituição de 1857, pela primeira vez, Estado e Igreja foram completamente separados no México, pelo menos no que se refere ao seu aspecto jurídico.

Esse processo de crescimento de forças que podem ser chamadas de liberais, anticlericais ou antirreligiosas foi lido como uma tendência, ou seja, um processo que se consolidaria em um futuro. Um anticlericalismo renovado encontrou amplo espaço no multifacetado processo político e social conhecido como Revolução Mexicana, e foi fundamental na formulação de artigos na Constituição de 1917 que aprofundaram ainda mais a separação entre Estado e Igreja e estabeleceram princípios que permitiam a intervenção estatal na política religiosa. Mas, ao mesmo tempo, vertentes revolucionárias utilizaram símbolos religiosos e o catolicismo não deixou de aparecer no espaço público. Ao final do século XIX e o início do século XX sindicatos religiosos e organizações leigas católicas cresceram fortemente, impulsionados pela autorização da hierarquia gerada pela encíclica *Rerum Novarum* (1891). Essas organizações foram fortemente combatidas na década de 1920 quando Álvaro Obregón (1920-1924) e principalmente Plutarco Elías Calles (1924-1928) tomaram atitudes e elaboraram políticas anticlericais tendo o respaldo da Carta de 1917. Tais políticas geraram um conflito armado de grandes proporções que atingiu principalmente a região centro-oeste do México, mas que teve ressonância em diversos pontos do país. O exército católico era formado principalmente por camponeses combateram o exército federal mexicano entre 1926 e 1929, sem apoio formal do alto clero, mas também sem nenhum tipo de condenação explícita. Nas cidades havia forte apoio aos guerreiros camponeses e algumas ações guerrilheiras foram notadas, sendo que Álvaro Obregón sofreu dois atentados de grandes proporções liderados por católicos, sendo o segundo bem sucedido. O conflito conhecido como Rebelião Cristera teve uma solução negociada entre a cúpula da Igreja mexicana e o governo federal que não modificou os artigos constitucionais.

Talvez pela manutenção desses artigos e pela permanência do PRI no poder, os católicos foram vistos como derrotados no conflito. Porém, o debate a respeito desse

evento, assim como diferentes elaborações da história desse momento, se sucederam no período posterior à guerra. Os dois textos que trabalharemos a seguir são exemplos pinçados de uma vasta gama de materiais textuais – há imagens também – que procuraram reelaborar a história do período a partir de um ponto de vista católico que erigia os católicos resistentes como heróis em um período de forte perseguição religiosa. Em meados do século XX, mais uma vez nota-se a permanência do religioso em debate com outras esferas da vida mexicana, mas agora lidando diretamente com eventos recentes da história mexicana, especialmente o período da Rebelião Cristera.

O que me parece particularmente interessante a respeito dessa memória produzida a respeito da Rebelião Cristera é a pouca atenção dada pela historiografia a esse tema. Esse tema tido como tabu por historiadores recebeu os primeiros trabalhos específicos na década de 1960, e como acontece comumente, especialmente no que se refere à história do catolicismo mexicano, os estudos ficaram a princípio no campo da história institucional, buscando entender as relações entre Igreja e Estado mexicano. Dessa forma, os textos a respeito da Cristera produzidos por autores e grupos católicos, difundidos em edições baratas, sejam eles *novelas*³, memórias e uma espécie hagiografias, tornou-se um espaço importante de elaboração de memória que se opunha à história da Revolução Mexicana canônica. Nesses textos a Revolução assume um caráter autoritário, os revolucionários em geral são os inimigos e perseguidores, embora Francisco Madero, o revolucionário de primeira hora, se salve muitas vezes.⁴

A entrada tardia da Cristera na academia decorre de uma série de fatores, entre eles o próprio desenvolvimento institucional dos estudos históricos mexicanos. Por outro lado, é possível notar que algumas vezes a historiografia construiu a história tendo como base alguns conceitos *a priori*, muitos deles advindos de uma ideia de evolução histórica derivado dos estudos da história europeia. O historiador inglês Alan Knight critica a historiografia acerca da Revolução Mexicana justamente por estar construída

³ Utilizo o termo *novela* no sentido hispânico do termo, por acreditarmos que sua tradução costumeira para o português – romance – parece não dar conta do sentido mais extenso que adquire na língua espanhola.

⁴ Para Sara Sefchovich, esse caráter de oposição à Revolução é uma característica das novelas que tem a Revolução Mexicana como tema. “(...) fue la única manifestación cultural absolutamente crítica del triunfalismo oficial, de la institucionalización y del alborozo, de la corrupción (...) la novelística de la Revolución se opuso a la ideología dominante (...).” SEFCHOVICH, Sara. *México: país de ideas, país de novelas: una sociología de la literatura mexicana*. México, DF: Grijalbo, 1997. P. 101. Mas, como veremos, nos textos católicos essa oposição é bastante aberta e direta.

sobre modelos que muitas vezes deixam de lado as especificidades do processo.⁵ Desse modo, um dos possíveis motivos para o silenciamento da Cristera na academia até a década de 1960 é o comum recurso dos estudiosos aos modelos de revolução como instrumento analítico do processo revolucionário desencadeado no México a partir de 1910. Ao aplicar um modelo de revolução burguesa, por exemplo, a Igreja, instituição do “Antigo Regime”, só poderia ser defendida por reacionários⁶. Nesse sentido, a religião seria um traço a ser superado, que deveria e, seguindo os trilhos da história, iria se restringir à vida privada.

*A novela Héctor de Jorge Gram*⁷

A novela *Héctor* de Jorge Gram⁸ foi publicada pela primeira vez em 1930, tendo uma série de posteriores reedições. Adalbert Dessau afirma que *Héctor* é, com a possível exceção *Los de Abajo* (1915) - a clássica novela da Revolução escrita Mariano Azuela -, a novela mexicana mais difundida. Não se trata, no entanto, de um texto que entrou para o cânone da literatura mexicana do século XX. Aliás, em geral essa novela é bastante criticada, seja pela sua qualidade literária ou pelas ideias políticas ali colocadas.

“Jorge Gram” em realidade é o pseudônimo utilizado pelo sacerdote David Ramirez que trabalhara como ajudante pessoal do arcebispo de Durango José Maria González y Valencia atuando também como instigador intelectual da Cristera. Não é, portanto, uma novela de um escritor profissional com grandes ambições artísticas. Ao longo da leitura fica evidente que uma das principais intenções de Ramirez/Gram é escrever uma narrativa para história mexicana de um ponto de vista católico que se contraponha à narrativa revolucionária difundida, de caráter anticlerical. A nota inicial

⁵ In: KNIGHT, Alan. “The Mexican Revolution: Bourgeois? Nationalist? Or just a ‘Great Rebellion?’” *Bulletin of Latin American Research*. v. 4, n. 02, pp.1-37, 1985.

⁶ Arnaldo Córdova, em sua clássica interpretação da revolução mexicana, apesar de não tocar na questão religiosa, defende a ideia de que na Revolução Mexicana as massas foram manipuladas pelos liberais. CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana – la formación del nuevo régimen*. México, DF: Era, 1980. p. 35.

⁷ Debatí temas relacionados a essa novela em outros textos. Cf. PEDROSA DA SILVA, Caio. *Soldados de Cristo Rey : representações da Cristera entre a historiografia e a literatura (Mexico, 1930-2000)*. Dissertação de Mestrado. IFCH/Unicamp, 2009. PEDROSA DA SILVA, Caio. *La Literatura en la disputa por la memoria: el caso de la novela Héctor de Jorge Gram*. In:

<http://13mexueacan.colmex.mx/Ponencias%20PDF/Caio%20Pedrosa%20da%20Silva.pdf>

⁸ GRAM, Jorge.(David Ramirez). *Hector: novela histórica cristera*. México, DF: Jus, 1966.

presente na edição consultada afirma que: “(...) [O Objetivo da novela é] dissipar la atmósfera de calumnia que ha cubierto a Méjico durante muchos años, y que se llegue al fin a saber que Méjico no es el país criminal de los Carranzas, Villas y demás, (...)”⁹ Mas Gram não escreve uma narrativa católica genérica, ele parte de um ponto de vista católico guerreiro, ou seja, daqueles que nos anos da Rebelião Cristera defendiam o recurso às armas, e não meramente a resistência pacífica.

Ao mesmo tempo, *Héctor* não é um texto historiográfico que tem compromisso com uma noção de verdade dos eventos, mas sim uma novela de ficção.¹⁰ Ou seja, é por meio de personagens e tramas que o autor procura desfazer a história caluniosa de matriz revolucionária. A novela *Héctor* desenvolve-se em torno da história do herói católico, um jovem morador da cidade de Zacatecas, que dá nome à obra. A trama se inicia nas vésperas da Rebelião Cristera, quando o Estado Mexicano arrefece a perseguição aos católicos e quando as organizações católicas prepararam a resistência. Mesmo que de alguma maneira predestinado, Héctor é um herói em formação; a trama desenvolve-se em torno da caminhada de Héctor, até que ele esteja plenamente convencido que a resistência armada é a melhor maneira de um católico agir naqueles anos conturbados. Dessa forma, o livro busca aproximar o personagem do leitor católico, e incentivá-lo a se engajar na luta contra o exército federal, tomando um papel ativo na construção de outra história mexicana. Héctor é caracterizado como um jovem simples, sem traços grandiosos, além da capacidade de colaborar na resistência católica através de um papel ativo no campo de batalha. A novela foi lançada logo após o final da guerra, quando os ânimos não estavam de todo apaziguados, e é possível supor que o autor a escreveu quando os enfrentamentos armados ainda se desenvolviam.

Como defendi na minha dissertação, me parece que o conflito essencial da novela se dá entre os católicos que apoiam a resistência armada e aqueles que defendem uma resistência pacífica. Ainda que os soldados federais apareçam como personagens agressores ignorantes, inescrupulosos e violentos, eles dificilmente têm nome e nunca uma história, é possível afirmar que eles mal formam personagens na novela. Os

⁹ GRAM, Jorge. *Op. Cit.* p. VII. Não há indicação de quem é o autor dessa nota preliminar, que se refere ao autor da novela na terceira pessoa.

¹⁰ Ainda assim, às vezes, o narrador deixa repentinamente a trama de lado para construir um discurso a respeito da situação do México no período da Rebelião Cristera e da história dos conflitos entre a Igreja e o Estado, não só para fornecer elementos históricos de fundo, mas também para desferir golpes contra os revolucionários.

católicos que se opõem à resistência armada aparecem em diversos momentos da novela, ganham voz, e a narrativa evidenciar que esse caminho não é melhor, criando desfechos trágicos para aqueles que defendem que os católicos mexicanos devem “mostrar a outra face”.

Uma Hagiografia? O Martirio de Padre Pro.

Não temos informações precisas a respeito das tiragens do texto de Antonio Dragón, mas possivelmente se trata também de um texto bastante difundido. Consultamos a reedição do livro, publicada em 1972, que teve tiragem de 15 mil exemplares. A primeira edição em espanhol é de 1940 e carrega como título *A Vida Íntima de Padre Pro*. A edição consultada – uma edição bastante simples em papel jornal – foi publicada pela editora La Prensa/Populibros que não se trata de uma etiqueta vinculada diretamente a grupos católicos, ou conservadores, como é a Editora Jus, que publicou *Héctor* – embora a Jus também tenha publicado o livro de Dragón. É possível supor que o interesse na história de vida de Padre Pro era grande nas décadas posteriores à Cristera, não só pela variedade de edições, mas também porque há uma série de matérias na imprensa mexicana que atentam para o tema. A última edição que encontramos do texto de Dragón é recente, de 2004, momento em que o interesse a respeito dos mártires cristeros tem renovada força.¹¹

Provavelmente seria desnecessário, ou redundante, recuperar certos dados biográficos desse personagem se estivesse falando para um público mexicano, já que se trata de uma figura de culto bastante popular, que se tornou símbolo não apenas para grupos católicos, mas também para grupos que lutam pelos direitos humanos – há uma importante associação de defesa dos direitos humanos no México que recebeu o nome de Miguel Agustín Pro. Apesar de textos que tratam da sua história de vida terem sido publicados no Brasil, o conhecimento a respeito desse personagem parece se restringir mais especificamente a grupos católicos.¹² Miguel Agustín Pro (1891-1927) foi um sacerdote jesuíta mexicano nascido em Guadalupe no estado de Zacatecas, mas que

¹¹ DRAGON, Antonio. *El martirio del Padre Pro*. La prensa, México DF, 1972.

¹² Carla Simone Rodeghero, investigando o anti-comunismo entre membros do clero brasileiro, encontrou referências à textos a respeito da vida de Padre Pro. RODEGHERO, C. S. . *Viva o comunismo X Viva Cristo Rei: um estudo de recepção do anticomunismo católico a partir de fontes orais*. Estudos Ibero-Americanos, v. xxxii, p. 157-173, 2006.

viveu em diversas outras cidade, tendo estudado em seminários jesuítas na Espanha e na Bélgica. Padre Pro, como é mais conhecido, foi acusado de participar de um atentado contra Álvaro Obregón em novembro de 1927 e por conta dessa acusação acabou sendo fuzilado, sem passar por julgamento formal. Também foram fuzilados o irmão de Miguel, Humberto Pro, acusado de fornecer o automóvel utilizado no atentado, e Segura Vilchis o engenheiro que foi, assumidamente, o cabeça do atentado. Dentre os diversos sacerdotes e católicos leigos que foram executados pelo governo mexicano, o destaque da figura de Pro parece decorrer do fato dele estar envolvido em um atentado de grandes proporções contra um ex-presidente e figura de destaque na política mexicana, além do atentado ter ocorrido em zonas centrais da capital do país, ao alcance de olhos e ouvidos da imprensa. Além disso, foram divulgadas fotografias bastante explícitas da execução, que retratam o momento mesmo em que Pro, de braços em cruz, recebe os tiros do pelotão de fuzilamento. Há ainda outra fotografia na qual Pro, de joelhos, reza antes de ser executado. Parece bastante claro que essas fotografias tiveram um papel fundamental no culto que se desenvolveu entre católicos mexicanos em torno desse personagem.

No entanto, se a popularidade de Pro ascendeu momentos depois da sua morte, o seu processo de beatificação demorou algumas décadas para ser consumado. Apenas em 1988, sob o papado de João Paulo II, ele alcançou diante da Igreja romana o status de beato – o que permite que ele seja cultuado. O processo de canonização, que tornaria Pro objeto de culto para todo católico, está em andamento. Pro, no entanto, não é a única vítima da época cristera a ter sido oficialmente reconhecido pela Igreja como mártir. No dia 21 de maio do ano 2000, o então papa João Paulo II canonizou na basílica de São Pedro 27 mexicanos, sendo 25 deles homens que morreram durante a era Cristera. Essa canonização foi considerada pela imprensa mexicana um marco por tornar o México o país com maior número de santos no continente americano e também por destacar homens que morreram fuzilados pelas tropas do exército mexicano.¹³ Em 2005, o último mártir da era cristera, até o momento, foi beatificado: Anacleto González Flores, figura também bastante popular.

¹³ GUTIÉRREZ CHÁVEZ, Jorge . “Histórica canonización”. El Universal. 06 de mayo de 2000. http://www2.eluniversal.com.mx/pls/impreso/noticia.html?id_notas=21772&tabla=nacion. Acessado em 21 de agosto de 2009.

Ao contrário de *Héctor, O Martirio del Padre Pro* não é uma narrativa ficcional. O texto está construído sobre uma argumentação que pretende estabelecer uma verdade a respeito do passado. O texto se organiza em partes narradas pelo autor, cartas do próprio Pro, além de correspondência e testemunhos de pessoas que o conheceram. As cartas são transcritas no texto, muitas vezes são colocadas de maneira integral. Por conta dessa característica podemos aproximar o livro de Dragón com os romances epistolares analisados por Lynn Hunt no livro *A invenção dos direitos humanos*. Para Lynn Hunt, as histórias sentimentais contadas em romances de sucesso do século XVIII tinham um forte efeito de proximidade com leitor que se deve, em grande medida, ao formato desses textos como se fossem coletâneas de cartas, o que dá ao leitor a impressão de ser íntimo dos personagens, de estar em contato com sentimentos reprimidos e secretos. Assim, ao leitor não é dado nenhum filtro no contato com os personagens, de forma que a autoria ficava de certa forma escondida: os autores muitas vezes se colocavam e eram vistos pelos leitores como meros compiladores de cartas.¹⁴ Dragón também busca aproximar o leitor do personagem, mas nesse caso a história de vida de Pro tem o sentido de exemplo, típico das hagiografias. A leitura proporciona a sensação de entrada em um ambiente íntimo.

Além disso, o uso das cartas traz um forte efeito de verdade para o texto, importante para os objetivos do autor, que não quer apenas divertir ou emocionar o leitor católico com uma história exemplar, mas também provar que Pro teve uma vida virtuosa e exemplar. Um dos principais alvos de Dragón é evidenciar que Pro foi martirizado, ou seja, morreu em nome da fé católica e não por conta dos crimes dos quais era acusado. Assim, os momentos finais da vida de Pro são descritos em detalhes.

Por outro lado, esse caráter argumentativo do texto cria ruídos. Ao mesmo tempo em que o texto busca estabelecer uma verdade, ele não deixa de indicar os pontos da história de vida de Pro em que aparecem nós e possíveis conflitos de interpretação. Parece sempre haver uma opinião contrária com a qual o autor estabelece diálogo. Nesse sentido, é interessante pensar até que ponto esse texto pode ser considerado uma hagiografia. Lembrando que o processo de beatificação ainda estava em curso nas décadas de 1940 e 1950, o texto parece mais querer consolidar uma verdade sobre o

¹⁴ HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos Humanos: uma história*. (trad. Rosaura Eichenberg) São Paulo: Cia da Letras, 2009. P. 42.

evento, que favoreça a beatificação. Como Pro não era beatificado na época do lançamento, o texto tampouco poderia autorizar o culto. Há uma nota de abertura interessante que mostra as possíveis enrascadas – enrascadas que atrapalhariam o próprio processo de canonização, que esse livro poderia gerar aos olhos de autoridades eclesiais: “O autor, ao chamar santo, mártir, etc, ao padre Pro, não pretende, de modo algum, prevenir as decisões da Santa Igreja.”¹⁵

Seguramente a história do personagem já era conhecida por grandes porções da população mexicana, de forma que não parece improvável que o livro fosse tomado como uma hagiografia pelos leitores. O diálogo com esse leitor que já toma Pro como santo aparece também no apêndice (escrito por Rafael Martínez del Campo, Vicepostulador da beatificação de Pro) que fala sobre o processo de beatificação no sentido de dar justificativas a um leitor que parece ter uma grande interrogação sobre sua cabeça: por que o padre ainda não foi beatificado? Há no texto, portanto, a ideia de dar satisfação ao público católico a respeito do processo de beatificação.

Muito menos preocupados com possíveis ofensas à hierarquia eclesial estavam os responsáveis pela capa e contracapa do livro. O tom dos textos da capa e contracapa são muito menos matizados que o conteúdo do próprio livro. Na capa consta a seguinte frase: “A vida magnífica do homem que para muitos já é um santo!”¹⁶ Talvez isso se deva a motivos comerciais, era preciso chamar a atenção de um público que já cultuava o padre Pro. Por se tratar de uma edição simples de uma editora preocupada em difundir conteúdos é possível que aqueles que desenhavam a capa não fossem diretamente ligados aos autores do livro ou a alguém da própria Igreja que detinha os direitos de publicação.

Considerações Finais

O historiador Enrique Florescano afirma que a narrativa histórica mexicana esteve profundamente relacionada com o registro dos sucessos e ocorrências do liberalismo mexicano triunfante, deixando-se de lado outros personagens e histórias que comporiam um país plural.¹⁷ A visão de Florescano sugere que o predomínio de

¹⁵ DRAGON, Antonio. *Op. Cit.* P. 4.

¹⁶ DRAGON, Antonio. *Op. Cit.* P. 1.

¹⁷ Florescano, Enrique. *Memória Mexicana*. México D.F.: Taurus, 2001. p. 552.

escritos partidários do ideário liberal e da Revolução Mexicana levou a um apagamento de outras possíveis memórias para o passado mexicano. No entanto, isso não significa necessariamente que outras formas de narrar o passado mexicano não tenham existido, especialmente fora do campo historiográfico. Os textos de Dragón e Gram são exemplos de produções narrativas feitas a partir de um ponto de vista católico e que tiveram difusão no México. Assim, são dois textos que consolidam uma memória da época da Rebelião Cristera que questiona a visão tradicional vinculada a uma leitura liberal ou revolucionária. Ao mesmo tempo, em ambos os textos vimos que o grupo católico não é totalmente coeso: em *Héctor* há uma disputa entre católicos favoráveis a uma resistência armada e outros contrários; no texto de Dragón fica evidente como o culto à *Pro* se adiantava a oficialização da beatificação pela cúria romana.

Bibliografia

AGUILLAR CAMÍN, Héctor & MEYER, Lorenzo. *À Sombra da Revolução Mexicana: História Mexicana Contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000.

AVITIA HERNÁNDEZ, Antonio. *La Narrativa de las Cristiadas. Novela, cuento, teatro, cine y corrido de las Rebeliones Cristeras*. UAM - Unidad Iztapalapa - División de Ciencias Sociales y Humanidades, México D.F., 2006.

DESSAU, Adalbert. *La Novela de la Revolución Mexicana*. México, DF: FCE, 1996.

DRAGON, Antonio. *El martirio del Padre Pro*. La prensa, México DF, 1972.

FLORESCANO, Enrique. *Memória Mexicana*. México D.F.: Taurus, 2001.

GRAM, Jorge.(David Ramirez). *Hector: novela histórica cristera*. México, DF: Jus, 1966.

GONZÁLEZ, Fernando. *La Iglesia del Silencio: de mártires y pederastas*. México DF: Tusquets, 2009.

HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos Humanos: uma história*. (trad. Rosaura Eichenberg) São Paulo: Cia da Letras, 2009.

KNIGHT, Alan. "The Mexican Revolution: Bourgeois? Nationalist? Or just a 'Great Rebellion?'" *Bulletin of Latin American Research*. v. 4, n. 02, pp.1-37.

MEYER, Jean. *La cristiada*. México, DF: Siglo XXI, 1988. 3 vols.

PEDROSA DA SILVA, Caio. *Soldados de Cristo Rey : representações da Cristera entre a historiografia e a literatura (Mexico, 1930-2000)* . Dissertação de Mestrado. IFCH/Unicamp, 2009.

RODEGHERO, C. S. *Viva o comunismo X Viva Cristo Rei: um estudo de recepção do anticomunismo católico a partir de fontes orais*. *Estudos Ibero-Americanos*, v. xxxii, p. 157-173, 2006.

RICARD, Robert. *La conquista espiritual de México*. México, DF: FCE, 1994.

RUIZ ABREU, Álvaro. *La Cristera: una literatura negada (1928-1992)*. México D.F.: Universidad Autónoma Metropolitana – Xochimilco, 2003.

SEFCHOVICH, Sara. *México: país de ideas, país de novelas: una sociología de la literatura mexicana*. México, DF: Grijalbo, 1997.